

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 42

Data: 25/11/84

Pg.: 26

Novo ciclo do ouro atrai 500 mil homens à Amazônia

308(87-77) 551 59
J.B. 25/11/84
Em 1985, quando o Brasil atingiu a produção de 100 toneladas de ouro prevista pelo diretor da Casa da Moeda, Claude Jean Guillaume — as 60 toneladas deste ano já estão confirmadas — teremos alcançado a condição de terceiro produtor mundial, e segundo de todo o Ocidente, desse metal.

Na opinião dos especialistas, a nação não tomou ainda consciência de que vivemos hoje, na década de 80, um novo ciclo do ouro, não menos surpreendente do que aquele que o precedeu, lá pelos idos dos séculos XVII e XVIII, nas Minas Gerais. Se é verdade que o primeiro enriqueceu temporariamente Portugal, permitindo, senão precipitando, a revolução industrial inglesa, este novo ciclo passa-se nos confins da Amazônia e ninguém sabe direito a que país ou grupos vai mais diretamente privilegiar.

500 mil

O geólogo Armando Cordeiro, responsável por pesquisas de mineração da Docegeio no município de Rio Maria, Sul do Pará, onde trabalha desde 1970, garante que há, ali, pelo menos uns 500 mil homens diretamente envolvidos em garimpagem, principalmente de ouro.

Por justificada desinformação — explica o geólogo — quando se fala em garimpo só emerge Serra Pelada. Não há dúvidas de que ali as jazidas são grandes, até porque fomos nós da Docegeio que fizemos a cubagem dessa área. Entretanto, existem dezenas, posso dizer centenas, de outros garimpos espalhados no Sul do Pará, mobilizando um número de gente quatro, cinco vezes maior.

Há, é verdade, ouro na Serra das Andorinhas, onde por sinal começou esse ciclo em julho de 1977, como também na Serra dos Carajás, em Cumaru, em Gradaús, na reserva dos índios Gorotire, na reserva dos índios Xicrin, divisa com o projeto Ferro-Carajás, como de resto nos municípios de Marabá, Rio Maria, Redenção, Xinguara, Conceição do Araguaia, sem falar nas jazidas do vale do rio Tapajós. Os especialistas afirmam com absoluta certeza que toda a mesopotâmia dos rios Xingu e Tocantins, assim como o vale do Araguaia, estão repletos de ocorrências auríferas.

O geólogo Breno Augusto dos Santos, que em 1967 descobriu a hoje mundialmente conhecida província mineral de Carajás e é coordenador regional da Docegeio na Amazônia, garante que "a explosão da garimpagem clandestina na região, principalmente no Sul do Pará, é um acontecimento de que praticamente o Governo perdeu o controle. E perdeu irremediavelmente. Acho difícil, senão impossível, reverter a situação criada".

Invasão

— Não é somente a falta de empregos no Centro-Sul — explica Breno Augusto — nem tampouco as estiagens cíclicas do Nordeste, nem mesmo o sentimento oculto e explícito de enriquecimento rápido que estão levando esses milhares de homens a ingressar nesses exércitos de aventureiros.

Há grupos econômicos poderosos, assim como intermediários, pressionando a invasão clandestina desses garimpos. Posso dizer, com o conhecimento pessoal que tenho, até porque vivo nesta região desde a segunda metade da década de 60, não existir mais garimpagem manual e sim lavra mecanizada. Esses garimpos clandestinos utilizam hoje tratores e outras maquinarias altamente sofisticadas — diz Breno.

Indagado porque não são denunciadas pelo menos as empresas prejudicadas e com suas jazidas invadidas, como a Docegeio, o geólogo responde:

— Prá quê? O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) do Ministério das Minas e Energia tem conhecimento exaustivo dessas lavras clandestinas.

Em 1983, os ministérios das Minas e Energia e da Justiça chegaram a esboçar a minuta de uma nova lei, já que a garimpagem manual é proibida em áreas de lavra ou de pesquisa.

— É proibida — prossegue o geólogo — só que a lei não se cumpre, porque não se sabe quem deva cumpri-la. O DNPM não tem poder de polícia, então recorria aos serviços da Polícia Federal. Logo depois, esta descobre que não é competência dela reprimir esses garimpos. Então, o recurso ficou sendo o de recorrer à Justiça comum, no município da área invadida.

Os técnicos informam que onde surge um garimpo clandestino, ele logo envolve praticamente toda a população do município, principalmente o setor dominante, a categoria mais elevada na pirâmide social. E a Justiça comum não foge a esse contágio: não raro o juiz tem um parente, um amigo, senão sociedade, num barranco, quando não a propriedade de vários.

Crença

Baixinha, magricela, quatro filhos em torno, o menor ao peito, lá estava sentada, num boteco à beira da Transamazônica, Maria das Dores, 32 anos, nascida em São Raimundo do Codó, Piauí. Vivia uma grande tensão e seu corpo todo, seus gestos revelavam uma mulher assustada. Pergunto se viaja sozinha.

— Viajo com outras pessoas naquele caminho, ali, parado. Muitos são da minha terra — responde. Diz que o marido "lá garimpando, sei direito, não. Última notícia veio de Babaçu, garimpo de Babaçu".

— Sabe onde fica? — indago.
— Sei, não, moço. Mas tenho fé achar. Há dois anos saiu de casa e as notícias dele sumiram há mais de oito meses. Fome lá ou fome aqui, pelo menos nessas bandas posso encontrá-lo.

Interessa talvez dizer que desses 500 mil homens que perambulam pela Amazônia, no Sul do Pará, em busca de ouro, a maioria procede de outros estados. É difícil, quase impossível, encontrar num grupo de dez garimpeiros mais de dois que sejam paraenses.

Ao deixar suas cidades de origem, às vezes até fugindo a penalidades criminais, deixam famílias

mudam de nome e raramente retornam. Todos sonham bamburrar, mas na verdade o garimpo é equivalente à loteria: muitos desejam, poucos acertam.

Paulo Jadão, Prefeito de Marabá, um dos municípios dominado por garimpos, inclusive a Serra Pelada, diz desconfiar que "essa corrida em busca do ouro tem trazido mais desserviços que vantagens para nós todos".

— A agricultura de Marabá foi inteiramente esvaziada — prossegue o prefeito. — Se Goiás ou São Paulo, por exemplo, fechassem seu mercado fornecedor de alimentos, morreríamos de fome. Não exagero. Nossa última riqueza, os castanhais — diamante não há mais no Tocantins e o ouro, não tarda, se esgotará — estão sendo queimados impiedosamente. Numa só queimada, recentemente, foram destruídas 10 mil árvores.

— Os grandes proprietários estão em pânico com o êxodo, com essa avalanche de garimpeiros. As chuvas já começaram, os garimpos reduzem suas atividades, então os garimpeiros invadem os castanhais para não morrerem de fome. Nessa invasão, muitos posteriormente não querem arrear os pés. Terra boa, né? — diz o prefeito. Pergunto se queimar é a única solução.

— Há outras, mas essa é a mais convincente — responde. — Aqui em Marabá muitos grandes proprietários estão organizando milícias próprias, se armando. Mas não basta.

— Quando esse ciclo de garimpagem acabar, o que não vai tardar muito, o que fazer com esses 500 mil homens sem emprego?

— Pergunte a Deus! Desconfio que isso aqui vai virar um barril de pólvora. Aliás, já o é. Ou o senhor acha que foi por acaso que os comunistas vieram para aqui fazer a guerrilha? Comunista pode ser tudo, menos burro. São teimosos, mas não primam pela burrice.

Pouco depois dessa conversa, nove pessoas embararam moças num conflito entre posseiros e pistoleiros da família Mutram, dona dos maiores latifúndios da região.

O grande sonho

O delegado de Polícia de Curionópolis, Eduardo Taparajoz, ex-garimpeiro, ex-capataz do projeto Jari, paraense, que nada fica a dever aos nossos conhecidos policiais da Baixada Fluminense, explica que "o garimpo é uma viagem sem retorno".

— O sujeito que se inicia na garimpagem, e quem vem para cá não escapa a esse contágio — diz — jamais retorna ao campo, à lavoura ou a qualquer outra atividade afim. Vira bandido, pistoleiro, passa fome, mas não abre mão desse ofício. É pior que cocaína. Se bamburrar é a glória, o grande sonho, a expectativa que o alimenta não é menor. Disso só entende quem já garimpou. Aqui em Curionópolis, por exemplo, há uma média de três a quatro crimes por dia. A cidade tem quatro anos de existência e já uma população de 65 mil pessoas. Ela vive em função do garimpo, seja de Serra Pelada, seja das grotas de garimpagem que infestam essa região.

— Há garimpo em Serra Verde, no Salobo, dentro da Vale do Rio Doce e ao longo da rodovia que liga Marabá à Serra dos Carajás — prossegue Taparajoz. — Fora daqui há outros garimpos, em outros municípios do Sul do Pará: Votoporango, Cerqueiro, Serrinha, Babaçu, Mamão, Lagoa Secca, Pedra Preta, Araquatins, Pedra Rica, Cumaru, Macedônia, Inaja e dezenas, senão centenas. Clandestinos ou não, não há mais como retirá-los, impedi-los. Só o Exército, e desconfio que ele recuse essa encrenca.

— O garimpeiro sobrevive no meio dessa selva?

— Não só sobrevive — responde — como é o único que de fato a conhece. As Forças Armadas fazem incursões esporádicas, dentro de um plano de treinamento. O garimpeiro vive no interior dela: Sobrevive à malária, aos ataques dos animais selvagens, é capaz de viajar três, quatro semanas, quando não permanece meses no interior do mato.

Não exagerava. No Salobo, garimpo de cobre da Docegeio, na área da Serra dos Carajás, onde existe uma rigorosa equipe de segurança, dispondo de carros, helicópteros e sofisticadíssimo sistema de rádio, os garimpeiros lá estão. Trabalham somente à noite, nas noites de lua, simulam dezenas de saídas falsas caso as equipes de segurança desçam de helicóptero. Andam mais de 120 km, a pé, subindo serra, no meio da selva, procedentes de Parauapebas, e vão assim resistindo ao cerco. Não há como removê-los, mesmo surpreendidos pela segurança. Até porque retornam. Só a malária os afugenta do garimpo e, mesmo assim, quando já não podem andar.

Na primeira quinzena de novembro, encontrei um grupo que retornava da proibida reserva do Salobo. De um total de cinco homens, dois estavam irremediavelmente derrubados pela malária. O mais frágil, Luís de Aquino, maranhense, 34 anos, já percorrera 50 km nas costas dos companheiros.

— Como é isso? — indaguei, surpreso.

— Muito simples. Cada um, não picado ainda pelo mosquito, conduz nas costas 500, 800 metros o doente. Deixa-o no chão até cansar. Logo depois vem outro, sadio, e faz o mesmo. E assim ele vai sendo ajudado — diz Aquino.

— Esses 50 km, Aquino, em quantas horas foi percorrido?

— Ora, moço — disse, sorrindo fracamente — estou sendo ajudado há cinco dias. Cada companheiro me carrega um pouquinho e, se essa desgraça não acabar comigo antes, chego a Parauapebas vivo.

— E, então, retornará?

— Não sei, não senhor. A luta agora é não morrer. Se volto ou não, fica pra depois.

Contaminação

O geólogo Armando Cordeiro lembra que muitas vezes esses homens são também afetados pelo mercúrio, com o qual trabalham. A característica do ouro de toda essa região é ser muito fino e isso explica o uso do mercúrio.

— Se o minério — explica Cordeiro — contém qualquer gordura vegetal, a tendência é o ouro flutuar na água, não se concentrando. Parece impossível, mas o ouro bóia. Então o garimpeiro coloca detergente para dissolver essa gordura existente na água e, então, o ouro poder descer, precipitar-se. Esse ouro fino só se concentra — há ouro até abaixo de 300 mesh (malha finíssima, micro) — com o uso do mercúrio.

— Como se processa?

— Eles utilizam o mercúrio, que chamam de azougue, para aglutinar o ouro. Resulta o amálgama — ouro e mercúrio — e então os outros minérios e detritos descem. Essas bolas de amálgama são levadas ao fogo e, com o calor, o mercúrio se evapora, ficando apenas o ouro. Basta o vento soprar contra para uma lufada desse mercúrio em evaporação alcançar o garimpeiro. Não raro são vitimados por uma intoxicação de mercúrio. E jamais vão detectar o diagnóstico. O mercúrio provoca leucemia, paralisia, fotofobia, entre outras doenças.

Tanto o detergente como o mercúrio, durante a drenagem, são lançados nos rios, nos igarapés, nas cabeceiras das nascentes. Por não haver bacia de decantação, os rios iniciam o processo de assoreamento, atulhados de detritos gerados pela garimpagem. O rio Maria, por exemplo, no município do mesmo nome, tem hoje uma cor vermelha ao longo de seu leito, resultado do lançamento de mercúrio e detergente. A cidade é abastecida por esse rio. O garimpo Serrinha fica à sua cabeceira.

O mesmo já ocorre com o Parauapebas e o Itacaiúnas, ambos tributários do Tocantins. Quem for até a foz do Itacaiúnas vai encontrar suas águas vermelhas e lamacentas de mercúrio e detergente.

Durante dois meses percorri dezenas desses garimpos, conversei, convivi e fui amável e cordialmente tratado pelos garimpeiros. Marginais uns, outros em busca de uma riqueza imediata, outros na atividade já por vício, os garimpeiros são antes de tudo homens ordeiros. O que o garimpeiro quer, deseja, é bamburrar, voltar para sua família de origem e mostrar que deu certo, que se tornou um homem viável.

— Não, moço — confessa João Grandão, pernambucano, 48 anos, há 16 garimpando — só retorno pra casa quando bamburrar. Blefado não ponho os pés na minha terra. Quando larguei minha família, no final da década 60, deixei uma filha com minha mãe, o menino mais novo com meu irmão e dois outros com minha mulher. Pedi aos amigos para ficar de olho na esposa, que tão logo bamburrasse retornaria. Até hoje continuo blefado. Mas um dia chove na minha roça. Enquanto isso não acontece, tem cabimento retornar? Com que cara?

Sorriu largo, meio amargo, e foi embora.